

A missão italiana para a formação de matemáticos na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil: Achille Bassi e Gabriele Mammana, apenas diplomacia cultural?

The Italian mission for the training of mathematicians at Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil: Achille Bassi and Gabriele Mammana, just cultural diplomacy?

Raphael Alcaires de Carvalho

Doutorando no Programa de pós-graduação em Ensino e História da Matemática e da Física, UFRJ.

ralcaires@yahoo.com.br

Recebido em: 04/02/2020

Aceito em: 15/04/2020

Resumo

Neste trabalho pretendemos mostrar como ocorreu a circulação de matemáticos da Itália para o Brasil por meio da missão italiana, mais especificamente a vinda dos professores de matemática estrangeiros Achille Bassi (1907-1973) e Gabriele Mammana (1893-1942) para trabalharem na recém-criada Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) da então Universidade do Brasil (UB), atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Dentre as questões abordadas, elucidaremos como se deu a contratação desses matemáticos, a escolha desses nomes, em quais áreas eles atuaram, se contribuíram na formação de pesquisadores matemáticos e se publicaram trabalhos.

Palavras-chave: Missão italiana; Gabriele Mammana; Achille Bassi; FNFfi.

Abstract

In this work we intend to show how the circulation of mathematicians from Italy to Brazil occurred through the Italian mission, more specifically the arrival of foreign mathematics teachers Achille Bassi (1907-1973) and Gabriele Mammana (1893-1942) to work in the newly Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi), which was created from the extinguished Universidade do Brasil (UB), and currently transformed in the Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Among the issues addressed, we will elucidate how the hiring of these mathematicians took place, how was the choice of these professionals, in what areas they acted, if they have contributed to the formation of mathematical researchers as well as if they have published papers.

Keywords: Italian mission; Gabriele Mammana; Achille Bassi; FNFfi.

Introdução

Neste artigo abordaremos a vinda da missão italiana, mais especificamente a contratação de dois matemáticos italianos, que tinha por finalidade contribuir na criação do curso de matemática da recém-criada FNFi e formar matemáticos brasileiros. Os professores contratados Achille Bassi e Gabriele Mammana possuíam um bom currículo e experiência na área e fizeram algumas tentativas para a formação de um grupo de matemáticos brasileiros que fossem capazes no futuro de continuar o trabalho deles.

Abordaremos de forma sucinta a temática do transnacionalismo científico no qual este trabalho está inserido. A abordagem transnacional já está bem estabelecida em várias áreas do meio acadêmico, conforme afirma Krige (2019, p.1). Ao fazer uma análise transnacional há uma ampliação das complexas relações de interdependência entre pessoas e locais que atravessam as fronteiras nacionais. Os governos após a Segunda Guerra Mundial aumentaram o investimento em ciência e tecnologia, o que gerou vários trabalhos em contextos nacionais. No entanto, Krige nos explica que atualmente o foco dos estudos sobre esse assunto não está voltado para um recorte nacional ou contextos locais, mas em vez disso é dada uma atenção maior para o estudo dos atores e instituições nacionais, além da investigação dos nós das redes transnacionais que uniram as pessoas devido às variadas aspirações, conhecimentos e afiliações que elas possuíam.

No verbete “*The internationalization of science and academic life*” encontrado no dicionário “*The Palgrave dictionary of transnational history*” são citados alguns elementos cruciais nos processos de institucionalização e de profissionalização das disciplinas acadêmicas, entre esses as missões científicas que fazem parte do estudo deste trabalho. Aparecem também as ligações desses processos com as circulações transnacionais das ideias, teorias, modelos e indivíduos. Segundo Iriye e Saunier (2016):

The process of institutionalization and professionalization of academic disciplines in the modern university has been closely connected to the transnational circulation of ideas, theories, models, and individuals. Scientific missions, international conferences, exchange programmes, grants and joint research projects, specialized journals; all these have been the channels of interaction for academic elites, and crucial elements in the institutionalization and professionalization of academic disciplines.” (Iriye e Saunier, 2016, p.548)

Numa entrevista à “*American Historical Review*”, Chris Bayly afirma que “*the term ‘transnational’ gives a sense of movement and interpenetration.*” Para Patricia Seed, às vezes, os historiadores empregam, legitimamente, palavras do presente para descrever situações aparentemente análogas do passado: “*Transnational history thus implies a comparison between the contemporary movement of groups, goods, technology, or people across national borders and the transit of similar or related objects or people in an earlier time.*” Para Isabel Hofmeyr, “*The key claim of any transnational approach is its central concern with movements, flows, and circulation, not simply as a theme or motif but as an analytic set of methods which defines the endeavor itself.*” (HOFMEYR, 2006). Já Turchetti et al (2012) explica o termo história transnacional da seguinte forma:

Transnational history is a loosely defined term indicating the effort to produce novel historical accounts by focusing on the flows of people, goods, ideas or processes that stretched over borders. It has emerged following cross-contamination between disciplines and has been appropriated in different ways by different communities.

Ele afirma também que a história transnacional não é uma abordagem focada em explicações cujos centros são Europa e EUA, mas sim no papel dos atores históricos e agências nas redes internacionais, com destaque nas circulações de pessoas, objetos e ideias.

Pelo exposto acima podemos destacar alguns termos que nos permitem entender o transnacionalismo científico: a interdependência, o atravessar das fronteiras, as circulações de ideias e indivíduos, etc. O conceito de movimento é muito importante para a compreensão dessa abordagem transnacional. Para o trabalho

exposto a seguir apresentaremos a circulação das ideias matemáticas advindas dos matemáticos italianos que vieram para o Brasil, mais especificamente para a Universidade do Brasil (UB), atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com o objetivo de cumprir a “missão” de formar matemáticos profissionais brasileiros. A circulação das ideias matemáticas vindas da Itália ajudou na formação profissional desses matemáticos.

A vinda dos matemáticos italianos na recém-criada Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNFi-UB)

A FNFi foi criada pela lei nº 425 de 5 de julho de 1937, com o nome de “Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras”, no item *a* do seu artigo 4º e ainda no parágrafo 2º desse mesmo artigo nos informa que nessa faculdade seriam oferecidos os cursos de filosofia, de ciências e de letras, o que justificaria o seu nome. No entanto, essa faculdade só saiu do papel realmente dois anos depois, pelo decreto-lei nº 1190 de 4 de abril de 1939, mas agora com o nome de “Faculdade Nacional de Filosofia.” Essa nova denominação aparece logo no artigo 1º dessa lei, e isso gerou algumas interpretações errôneas sobre o papel dessa faculdade que não abordaremos nesse trabalho. As finalidades dessa faculdade estão descritas também no artigo 1º da lei 1190 como sendo, dentre outras, “realizar pesquisas nos vários domínios da cultura, que constituam objeto de ensino.” **Já as aulas dessa faculdade só teriam início no dia 20 de julho de 1939 como nos informa o decreto-lei nº 1.428 de 19 de julho de 1939 (CARVALHO, 2018).**

Assim, temos uma breve descrição da criação da faculdade na qual atuaram os dois personagens que iremos abordar neste texto, a saber, os matemáticos italianos Achille Bassi (1907-1973) e Gabriele Mammana (1893-1942). Como descrito em uma das finalidades dessa instituição, esses “mestres experimentados” vieram realizar pesquisas, nesse caso particular em matemática, e formar matemáticos.

Um dos motivos de se contratar professores estrangeiros para trabalharem na FNFi era o de substituir a cultura do autodidatismo, única maneira **que**, nessa época, uma pessoa tinha para se especializar em algumas áreas, em particular no nosso estudo, na matemática. As pesquisas eram realizadas de forma isolada. Preocupações essas que já eram temas de debates no meio científico desde o início do século XX. Capanema em sua *exposição de motivos* (BRASIL, s/d) enviada para o presidente Getúlio Vargas, em 27 de março de 1939, afirma que:

[...] a Faculdade Nacional de Filosofia, cujos fundamentos ora se fixam, virá contribuir, da maneira mais decisiva, para aumentar e aprofundar a sua cultura nacional, no terreno filosófico, científico e literário. **Somos, neste particular, um país de autodidatas. Os nossos pesquisadores e escritores são, em geral, trabalhadores isolados**, que formam a própria cultura com o mais angustioso esforço, **desprovidos da assistência de mestres experimentados.** (BRASIL, s/d, p.4, grifo nosso).

Capanema ficou responsável pela contratação dos “mestres experimentados” para trabalharem na recém-criada Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi). Conforme (Schwartzman et al, 2000), a autorização da nomeação dos professores para a universidade era feita pelo presidente após ouvida a seção de Segurança Nacional. E em 1936 o ministro Capanema, cujo ministério contratava diretamente os professores brasileiros e estrangeiros, escreveu a Luigi Fantappiè e Gleb Wataghin pedindo sugestões de professores para trabalharem na faculdade que estava para ser gestada. É interessante notarmos que em 1936 a UB não havia sido criada ainda, **pois** somente um ano depois ocorreria a transformação da Universidade do Rio de Janeiro (URJ) em UB e, apenas em 1939, teria início o funcionamento da FNFi, como já expusemos anteriormente. Como o pedido de nomes de docentes para trabalharem na faculdade ocorrera antes da criação da FNFi, isso pode indicar uma reação do ministro e do presidente da República ao funcionamento da Universidade do Distrito Federal - criada em 1935 e extinta em 1939, cujos cursos foram absorvidos pela FNFi.

É importante salientar também a forma como Capanema escolheu os professores a serem contratados para FNF*i*, já que ele resolveu consultar os professores italianos da Universidade de São Paulo (USP) – esses escolhidos de forma técnica pelo matemático Theodoro Ramos – o que aponta para uma escolha que considerou o critério da competência na área, e não apenas uma decisão diplomática, pois os matemáticos consultados eram tidos como muito importantes nos seus campos de atuação.

Wataghin sugeriu para a FNF*i* os nomes de Beniamino Segre, da Universidade de Bolonha, para Geometria Superior e de Alejandro Terracini, da Universidade de Turim, para Geometria. Isso realmente mostra que inicialmente haveria duas cadeiras de Geometria, mas quando Bassi foi assumir a sua cadeira foi extinta, como veremos mais adiante. Além disso, as indicações de Wataghin eram provavelmente pessoas de seu círculo social e, talvez, ele não tivesse “intenções claras de propaganda cultural, uma vez que também sugeriu o nome de um sujeito de outra nacionalidade, mas com eminente carreira científica: o prêmio Nobel E. Schrödinger.” (SILVA LVS, 2015, pp. 95-96).

Em uma carta de 17 de abril de 1939, o reitor da UB, Raúl Leitão da Cunha, listou os nomes dos professores que poderiam lecionar na FNF*i*. Consta nessa lista o nome do italiano Levi Civita para lecionar na cátedra de Análise Matemática e Análise Superior, o que sabemos não ter acontecido.¹ Uma possível explicação para a não contratação desse matemático é conjecturado, em uma nota de rodapé, por Circe Silva:

Levi-Civita tornou-se bastante conhecido por suas pesquisas em cálculo diferencial absoluto com aplicações à teoria da relatividade. Como Volterra e muitos outros matemáticos italianos da época, que se opunham fortemente ao fascismo, ele perdeu seu posto acadêmico na Itália, enfrentou sérios problemas cardíacos e morreu em 1941. Isso talvez explique por que a sua vinda para o Rio de Janeiro nunca se concretizou. (SILVA, 2002, p.106).

Os estrangeiros contratados para trabalharem no curso de matemática da FNF*i* foram o italiano Achille Bassi (publicado no Diário Oficial de 23/10/1939),² para assumir a cadeira de Geometria, e para a cátedra de Análise Matemática e Análise Superior o italiano Gabriele Mammana, admitido no dia 26 de agosto de 1939.³ Há de se destacar ainda, segundo D’Ambrósio (1999), a vinda do matemático italiano Alejandro Terracini (1889-1968) para a FNF*i*:

[...] foram contratados para a Faculdade Nacional de Filosofia professores italianos para a área de matemática. Vieram os analistas **Gabrielle Mammana e Alejandro Terracini** [que permaneceu muito pouco tempo no Brasil], o geômetra **Achille Bassi** e o físico matemático **Luigi Sobrero**. (D’AMBRÓSIO, 1999, p.13).

As aulas na FNF*i* tiveram início em 20 de julho de 1939 então, provavelmente, o matemático italiano Terracini ficou nessa instituição brasileira por apenas um ou dois meses no máximo, pois ele foi para a Argentina, após aceitar um convite da Universidade de Tucumán, em setembro de 1939. Isso justifica a vinda do matemático Achille Bassi, que entrou logo após a possível saída de Terracini (geômetra), como mencionado anteriormente, em outubro de 1939 (SANTALÓ, 1968, p.150).

Houve uma preocupação do governo brasileiro em relação ao valor do salário dos professores italianos e à data de início das aulas, o que pode ser atestada pela visita de Capanema à embaixada italiana no dia 10 de maio de 1939, onde requisitou sete professores italianos para trabalharem na FNF*i*, sendo um desses para a cadeira de Análise Matemática e Superior, e um outro para a cadeira de Geometria Superior. O contrato seria de um ano e assegurava o mesmo “tratamento econômico” dado à USP, e o Governo brasileiro providenciaria

1 Obtida nos arquivos do PROEDES, na UFRJ.

2 Pela ata da Congregação da FNF*i* sabemos que Bassi participou da reunião, juntamente com Mammana, no dia 17 de outubro de 1939, ou seja, antes da publicação de sua contratação no Diário Oficial.

3 CPDOC/FGV, carta do reitor da UB Raúl Leitão da Cunha para o ministro de Estado da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, em 11/09/1939. Coleção Gustavo Capanema. GCg 1938.02.12.

as despesas de viagem. A confirmação da contratação dos professores italianos foi dada pelo ministro das relações exteriores Ciano, que afirmara ser **nos** dias 20 ou 25 de julho a chegada dos referidos docentes, pois 20 de julho era a data de início das aulas na FNFi.⁴

Em relação ao valor do salário recebido pelos professores italianos, Silva (2013) nos aponta um texto escrito, em 12 de março de 1942, no jornal *Diretrizes*, no qual se fazia uma crítica a essa quantia. De fato havia uma comparação entre os salários dos professores italianos com os professores brasileiros. Segundo o jornal, o Ministério da Educação pagava mensalmente quatro contos de réis e “seus colegas brasileiros da mesma categoria perceb[iam] apenas 2:700\$000”, além da ajuda de custo mensal dada pelo governo italiano de seis contos de réis, quantia superior à recebida na Itália. A justificativa para essa diferença de valores, segundo o jornal, se daria “por conta dos processos de infiltração política, de penetração fascista.”⁵

Agora analisaremos a influência que os docentes estrangeiros, Achille Bassi e Gabriele Mammana, exerceram sobre os alunos e professores da época em que ali estiveram. Além de mostrar a atuação desses italianos nessa Faculdade por meio de depoimentos, currículos e documentos históricos.

Achille Bassi (1907-1973)

[...] na FNFi, não sei se intencionalmente, ou não –, o Ministério da Educação do Brasil pediu ao Ministério da educação italiano que indicasse nomes de professores conforme uma lista de disciplinas enviada ao segundo. [...] Dos físicos e matemáticos que vieram para o Rio, ele [Luigi Sobrero] foi o único que tinha uma categoria internacional. Os outros, não tinham tanta categoria, ou vieram para cá fazer propaganda do fascismo. Porque, é claro, o Ministério da Educação italiano, ao selecionar as pessoas que viriam para cá, deu preferência aos ativistas fascistas.

*Jayme Tiomno*⁶

O físico Jayme Tiomno (1920-2011) se formou na FNFi em 1941 e, como declarou acima, os matemáticos italianos que vieram para o Brasil não tinham “categoria internacional” ou eram fascistas. Essa afirmação pode não ser totalmente verdadeira, pois como veremos, Bassi não era um “ativista fascista”, e sim uma pessoa contrária ao fascismo. E também pelo seu currículo, constatamos que ele não era desprovido de “categoria internacional.” Além disso, Mammana, o outro italiano contratado para a FNFi, também era considerado um bom matemático nessa época.

Os alunos da FNFi encontraram dificuldades nas aulas ministradas pelos professores italianos, conforme relata uma das estudantes do curso de matemática dessa faculdade, em 1939, Maria Laura Mouzinho Leite Lopes (1917-2013), que mais tarde viria a ser docente da própria instituição na qual se formou. Para ela:

Os professores italianos chegaram sem falar nossa língua e imediatamente fomos ter aula com eles – Achille Bassi, de Geometria; Gabrielle Mammana, de Análise; e Zunini, de Mecânica Racional. Nos “viramos” e começamos a entender. [...] A Faculdade contou também com a colaboração do professor de Física Matemática, Luigi Sobrero, que procurou desenvolver um certo grupo de pesquisa em Física Matemática. Ele até escreveu um livro com a colaboração do Leite Lopes e do Leopoldo Nachbin sobre a Teoria da Elasticidade.” (MARIA LAURA, apud FÁVERO, 1992, p.380)

4 Carta do embaixador italiano Ugo Sola para o ministro Gustavo Capanema de 16 de junho de 1939.

5 *Diretrizes* foi uma publicação mensal de conteúdo político e social e orientação liberal-democrática. Lançada em abril de 1938 no Rio de Janeiro (RJ). Fonte: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/diretrizes/>. Acesso em 04/09/2019. O valor dos salários recebido pelos professores estrangeiros também pode ser encontrado no artigo de (Fávero et al, 1991), podendo ser fonte de consultas para maiores informações sobre os professores estrangeiros na FNFi.

6 Depoimento realizado por Tiomno em (TIOMNO, apud FÁVERO, 1992, p.258).

Nesse mesmo depoimento, Maria Laura fala sobre o matemático Bassi: “Era uma personalidade muito estranha, mas competente; sabia bastante geometria. O professor Bassi era topólogo. Ele tinha horários confusos; dizia que sua família era atrapalhada. O Bassi, que poderia ter feito algum trabalho interessante conosco, não o fez.” (MARIA LAURA, apud FÁVERO, 1992, p.380).

Essa afirmação de Maria Laura sobre o fato de Bassi não “ter feito algum trabalho interessante conosco [alunos]” deve ser analisada de forma mais cuidadosa, pois veremos que esse matemático queria desenvolver a matemática aqui no Brasil, mas sofreu com os entraves políticos e burocráticos da universidade. Em relação à pesquisa em matemática na FNFi, essa ainda era muito recente. E o curso de matemática ainda era muito incipiente, por isso a influência desses italianos se restringiu “ao âmbito da sala de aula, ministrando cursos que faziam sentido naquela ocasião; cursos muito bons.” (NACHBIN, apud FÁVERO, 1992, p.312). Alguns tópicos da matemática, que na época eram considerados modernos, foram introduzidos no Brasil por meio de Bassi. Por exemplo, Nachbin afirmou, em uma conferência realizada em julho de 1955, na Universidade do Recife, que Achille Bassi introduziu “a Topologia combinatória no ensino universitário brasileiro, em 1939.” (NACHBIN, 1996, p.38). Para D’Ambrósio (1999) Bassi era um matemático promissor que trouxe elementos modernos da matemática para o Brasil:

Particularmente Bassi apresentava-se como um dos mais promissores jovens matemáticos italianos. Havendo passado uma temporada em Princeton e tendo sido aluno de Solomon Lefschetz, Bassi trazia à matemática italiana elementos modernos, tais como a Topologia Algébrica. Seu trabalho sobre números de Betti havia sido reconhecido internacionalmente.” (D’AMBRÓSIO, 1999, p.13).

D’Ambrósio (1987) também considera Bassi como um matemático que se destacava na recente área de Topologia Matemática, praticamente desconhecida na Itália e na qual se especializou no *Institute for Advanced Studies*, de Princeton, onde teve “uma brilhante permanência.” Essas afirmações nos levam a conjecturar que Bassi não era um matemático qualquer, sem nenhuma “categoria internacional”, e que a escolha do governo brasileiro pela contratação dele pode ter sido muito mais técnica do que diplomática. Esse italiano estava trazendo para o Brasil uma matemática, na sua área, muito moderna para a época como veremos adiante.

Discorreremos sobre Bassi descrevendo brevemente sua história desde o seu nascimento em 1907 até sua saída da Itália em 1939 para lecionar no Rio de Janeiro, na recém-criada Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi) da então Universidade do Brasil (UB) e atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em seguida analisaremos como foi sua atuação na referida faculdade, por onde permaneceu até 1947.

Bassi na Itália e EUA: de 1907 até 1939

Entender sobre a trajetória de Bassi de forma contextualizada ajuda a compreender o processo de desenvolvimento da matemática no Rio de Janeiro, ou, ainda, da formação de uma comunidade matemática, da institucionalização dessa área. A forma que se deu a relação entre Brasil e Itália, além da importância da missão italiana em todo esse processo também são salientadas.

Achille Bassi, filho de Alfredo Bassi e Stella Sacchi Bassi, nasceu em 9 de agosto de 1907 na cidade de Mondovi, Itália, vindo a falecer no dia 29 de novembro de 1973. Foi casado com sua prima, Elena Simonetta Bassi (a mãe dela era irmã da mãe de Achille Bassi), com a qual teve três filhos, todos nascidos no Rio de Janeiro.⁷ Seu avô materno, Achille Sacchi (1827-1890), nas palavras de Ada B. Damião, foi um “herói da Revolução pela unificação da Itália”, pertencia a uma família da burguesia agrária e estudou medicina em Pádua quando ocorreu a Revolução de 1848 da qual participou. Foi preso em 1853 e extraditado para Suíça,

7 Segundo relato de Ada B. Damião parecia ser comum isso na Itália, pelo menos a mãe de Damião contou outros casos desse tipo para ela.

onde exerceu sua profissão de médico em Gênova, Cidade na qual encontrou Elena Casati com quem se casou. A partir de 1866 se fixou em Mântua,⁸ local em que há uma rua com o nome de “Via Achille Sacchi.”⁹ Essas informações sobre o avô de Achille Bassi (que era avô também de sua esposa/prima) mostram que ele veio de uma família importante na Itália, o que enriquecem nosso entendimento de sua vinda para o Brasil.

Achille Bassi veio para o Brasil – juntamente com sua esposa Elena e os pais dela,¹⁰ o pai de Bassi já havia falecido – motivado aparentemente pela ameaça da guerra na Europa. Ele “não foi [um] dos primeiros convidados, parece que outro professor teria sido indicado e não pôde vir e, em seguida, o chamaram.” (SILVA, 2015, p.174). De fato, esse outro professor foi o italiano Alejandro Terracini, ou ainda Levi-Civita, como já citado anteriormente.

Achille Bassi nunca se filiou a partido algum e não era fascista. O primo/cunhado dele, Bono Simonetta (irmão de Elena S. Bassi), se casou com uma judia e por isso toda a família, inclusive com dois filhos pequenos, teve que fugir dos nazistas e fascistas. O irmão mais velho de Achille Bassi, Maurizio Bassi, se alistou no exército aliado, considerado pelo matemático como um herói. A mãe de Ada, Elena, também não era fascista. Segundo Silva AL (2015) no livro *La repubblica, la scienza, l'uguaglianza: Una famiglia del Risorgimento tra mazziniano e emancipazionismo*, a mãe de Elena (ou seja, a sogra de Achille Bassi) era má vista pelo restante da família Sacchi, pois ela não apoiava o fascismo, diferente do restante da família. Isso talvez justifique a vinda dos sogros de Achille Bassi para o Brasil quando esse veio com sua esposa para o Rio de Janeiro.

Em relação ao comportamento do matemático italiano: “Houve dias em que realmente as coisas ficaram complicadas, mas ele sempre achou que tudo se resolveria” e ainda “acreditava que tudo se resolveria e que retornaria à Universidade.” Sobre o trabalho na universidade “Ele se dedicava àquilo [tentativa de organizar o departamento de matemática no Rio de Janeiro], era como se fosse um filho querido para ele.” Era uma pessoa que não desistia facilmente do que estava fazendo, pois “não era de virar as costas porque a situação ficou adversa.” Ele também não era muito de conversar com a filha sobre seus trabalhos e era uma “pessoa pouco expansiva.” Ele tinha um “carinho enorme pelos filhos.” Ele “sabia pouco da vida do dia-a-dia de cada um, porque ele vivia no mundo dele.” Ele “sempre esperava o melhor de todo mundo.” Era “um idealista.” Ele era uma pessoa que se desligava muito fácil das coisas necessárias a realizar fora de seu trabalho acadêmico, “O que não fazia parte daquele mundo acadêmico dele, geralmente passava em branco e ele não captava.” Era uma pessoa bondosa e de “coração aberto.” (SILVA, 2015.) Era uma pessoa muito metódica quando assumia uma coisa ia até o fim, fazendo com muita dedicação. Essas informações mostram a personalidade de Bassi, o lado humano de pai, que, segundo a filha, era um professor dedicado, persistente, carinhoso com os filhos, sistemático e metódico.

Em relação ao papel de professor desempenhado por Achille Bassi, temos que:

A preocupação maior dele era essa, se o aluno tinha a correta abordagem, não era tanto se o resultado estava certo ou errado, ele se preocupava em verificar o que a pessoa conseguia elaborar e colocar no papel, se o raciocínio estava correto. Parece que quando, às vezes, o aluno tinha dificuldade de compreender algo, ele ficava ansioso, querendo que o aluno captasse aquilo. Muitas vezes o aluno não acompanhava, porque quando meu pai pegava o fio da meada ele ia em frente, e às vezes a turma não o acompanhava e ele não percebia.” (SILVA AL, 2015, p.179).

Segundo Bassi (1967), em relação à sua formação acadêmica, ele frequentou a Universidade de Bologna durante os dois primeiros anos de estudos universitários em Matemática, tendo como professores Leonida Tonelli (1885 – 1946), Enrico Bompiani (1889 – 1975) e Ettore Bortolotti (1866 – 1947). E depois, por moti-

8 “Em Mântua, como eles tiveram a dominação austríaca durante muito tempo, o dialeto lá tem muitas palavras do alemão, então, é um italiano bem diferente.” (SILVA AL, 2015, p.173).

9 Há também um busto dele em Roma

10 Ada Sacchi Simonetta e Quintavalle Simonetta (professor de grego e literatura era literato e gostava de estudar filosofia).

vos familiares, transferiu-se para a Escola Normal Superior, anexa à Universidade de Pisa,¹¹ na qual ficou em 1º lugar no difícil concurso, sendo seus professores, nessa universidade, Luigi Bianchi (1856 – 1928), Carlo Rosati (1876 – 1929) e Eugenio Bertini (1846 – 1933). Formou-se em 1929 e sua tese foi considerada digna do prêmio “Eugenio Bertini,” que era concedido anualmente em Pisa à melhor dissertação em matemática. Com o recebimento de uma bolsa, permaneceu por mais um ano em Pisa para a realização de um curso de extensão.

Bassi estudou na Escola Normal Superior – fundada em 18 de outubro de 1810 por um decreto napoleônico – na época em que o regulamento mudara com a inserção de um programa de pós-graduação, além disso, o clima que havia lá devido ao fascismo não era tranquilo e alguns alunos dessa instituição chegaram a ser presos por serem contrários a esse regime:

com o novo Regulamento de 1927, seu diploma deixou de ser uma qualificação automática para ensinar em escolas secundárias. A Scuola Normale manteve seu mandato de “preparar os alunos para ensinar em escolas secundárias e para os exames que os qualificassem” e para promover estudos de pós-graduação. Os estudos de pós-graduação tornaram-se independentes e abertos a todos os universitários da Itália. Durante esse período, a propaganda nacionalista e o controle do regime também afetaram as instituições de Pisa. O primeiro ato de repressão pública ocorreu em 1928, quando três estudantes da Escola Normal foram presos por atividades antifascistas. (<https://www.sns.it/en/storia/the-fascist-era>, acesso em 17/07/2019)

Na Universidade de Roma, em 1931, Bassi foi assistente na disciplina de Análise Infinitesimal do Professor Francesco Severi (1879-1961), matemático italiano que contribuiu com as áreas de geometria algébrica e a teoria de funções de várias variáveis complexas. No ano de 1933, foi aprovado por concurso para ser assistente ordinário da cadeira de Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva na Universidade de Turim. E dois anos depois recebeu o título de livre-docente em Introdução à Geometria Superior. Já em 1937, foi nomeado professor interino para o Ensino de Geometria Descritiva e Complementos de Geometria Projetiva e, em 1938 nomeado para a cadeira de Geometria Superior, ambas as nomeações na Universidade de Bologna.

Nos EUA, visitou o Instituto de Matemática da *Columbia University* e foi também ao *Institute for Advanced Study*, em Princeton, onde permaneceu como professor visitante por dois anos para se aperfeiçoar em 1936 e 1937. Nesse instituto estabeleceu contato com o físico Albert Einstein (1879-1955). Em 1939, Bassi proferiu conferências nas seguintes universidades alemãs: Universidade de Hamburgo, de Giessen, de Tubingen, de Göttingen e de Heidelberg. Foi também nomeado membro colaborador do periódico *Zentralblatt für Mathematik und ihre Grenzgebiete*, fundado pelo matemático Otto Neugebauer, em 1931 (mudou de nome e, hoje recebe o nome de *Zentralblatt MATH*). (SILVA e TÁBOAS, 2012, 2013a, 2013b, 2014; SILVA AL, 2015; SILVA e ALVIM, 2018). Japão foi outro país no qual chegaram os trabalhos de Bassi que, na primavera de 1939, foram objetos de estudos especiais e conferências por parte do Seminário Matemático da Universidade de Tóquio.¹²

Além do prêmio já citado, Achille Bassi também recebeu bolsas e outros prêmios na Itália e nos Estados Unidos, mostrando ser um matemático que estava preocupado com a especialização na sua área, conforme Silva AL (2015) cita do Anuário da Escola de Engenharia de São Carlos de 1954:

[...] em 1930, recebeu a bolsa “Lavana” para estudos científicos, em 1933 uma bolsa de estudo do Ministério da Educação da Itália, ainda em 1933 um Prêmio da Universidade de Turim, em 1936 uma bolsa do *Institute of International Education* de Nova York, em 1936 uma bolsa da Universidade de Princeton, em 1937 o *Stipend* do Instituto de Estudos

11 Mesma Escola na qual Luigi Fantappiè (1901-1956) e Giacomo Albanese (1890-1948) fizeram o doutorado. O primeiro orientado por Luigi Bianchi (1856-1928) e o segundo por Eugenio Bertini (1846-1933) que foram professores de Bassi.

12 Informação obtida no curriculum vitae que se encontra no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro.

Avançados de Princeton, em 1939 o Prêmio do *Consiglio Nazionale delle Ricerche* – Itália e, também em 1939 o Prêmio da Universidade de Bologna pelas pesquisas desenvolvidas” (SILVA AL, 2015, p.116-117)

Dessa forma é fácil observar que foi devido ao seu bom currículo que Bassi foi selecionado para trabalhar no curso de matemática da FNFi, apesar de essa escolha ter ocorrido via Ministro da Educação, e não por meio de um matemático brasileiro – como foi o caso na Faculdade de Filosofia Ciência e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP) em que Theodoro Ramos foi o responsável na escolha dos docentes do exterior.

Bassi no Rio de Janeiro: 1939 até 1947

Em 1939, Bassi recebeu três convites: um para realizar curso de aperfeiçoamento em Topologia no Instituto de Alta Matemática de Roma, na Itália, outro para curso semelhante na Universidade de Hamburgo, na Alemanha, e o terceiro para reger a cadeira de Geometria Superior da recém-criada FNFi.¹³ Neste mesmo ano de 1939 teve início a Segunda Guerra Mundial, onde o nazismo na Alemanha e o fascismo na Itália foram alçados ao poder. Esse cenário provavelmente influenciou a decisão de Bassi em sua escolha de vir para o Rio de Janeiro. Ele permaneceu na FNFi de 1939 até 1947, onde introduziu no Ensino de Matemática a noção de Topologia Combinatória, à qual dedicou o curso de Geometria Superior.

Quando Bassi foi contratado para trabalhar na FNFi, uma de suas primeiras preocupações foi a de organizar uma boa biblioteca de matemática para aquela instituição. Ele propôs um projeto para a sua criação, que recebeu ajuda do professor Joaquim da Costa Ribeiro (1906-1960), que “[...] embora físico, defendeu calorosamente meu projeto, de maneira que foi unanimemente aprovado pela Congregação [da FNFi].” No entanto, não foi implementado por não ter sido aceito “nas altas esferas administrativas da Nação” (BASSI, 1961, p.7).¹⁴

Foi perceptível o interesse de Achille Bassi em realizar um grande trabalho na FNFi, o que infelizmente não foi bem sucedido. Já em São Carlos, conseguiu realizar seu projeto, aproveitando-se do momento em que a Europa vivia devido à devastação após a Segunda Guerra Mundial, conseguiu comprar livros de pessoas que estavam se desfazendo de seus acervos e também por meio de livreiros que traziam exemplares da Europa. Uma informação que nos ajuda a entender seu plano é que, em 1953, havia 2.603 volumes e, em 1958, o número de obras chegou a 12.188, além das assinaturas, segundo os anuários consultados por Silva AL (2015, p.79-80). Percebemos o quão importante foi Achille Bassi para essa biblioteca, que atualmente “[...] é um centro de referência para quem atua em Matemática e Computação na região, sendo considerada uma das três melhores do Brasil.”¹⁵

Além da falta de biblioteca especializada e de revistas científicas, uma possível explicação para a ausência de pesquisas na FNFi foi o recebimento da notícia, logo após a sua chegada, de que sua cadeira de Geometria fora suprimida pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP)¹⁶:

Poucos dias depois de minha chegada ao Brasil fui chamado pelo Reitor da Universidade do Brasil (Prof. LEITÃO DA CUNHA) que me informou que a cadeira que deveria reger

13 Informação obtida no curriculum vitae que se encontra no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro.

14 Somos muito gratos à professora Aline Leme da Silva que gentilmente nos cedeu esse memorial de Achille Bassi, documento que se encontra nos arquivos da USP de São Carlos.

15 Segundo informa o site do ICMC: <https://www.icmc.usp.br/institucional/estrutura-administrativa/biblioteca/>. Acesso em 24/07/2019.

16 DASP era um órgão previsto pela Constituição de 1937 e criado em 30 de julho de 1938, diretamente subordinado à Presidência da República, com o objetivo de aprofundar a reforma administrativa destinada a organizar e a racionalizar o serviço público no país. Desde a sua criação até o fim do Estado Novo, o DASP foi presidido por Luís Simões Lopes (1903-1994). Fonte: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/PoliticaAdministracao/DASP>. Acesso em 03 de dezembro de 2019.

e para a qual tinha sido contratado, havia sido suprimida poucos dias antes pelo DASP, órgão sobre o qual o Ministério de Educação não tinha poderes e que, portanto, necessariamente eu ficava sem cadeira, embora com o mesmo ordenado e as mesmas funções.” (BASSI, 1961, p.7)

E, dessa forma, não foi possível propor a nomeação de assistentes – só catedráticos tinham essa prerrogativa –¹⁷ e, por conseguinte, fazer uma “verdadeira escola científica”, “viveiro de novos cientistas”, que era seu objetivo, conforme podemos verificar na continuação de seu memorial:

Não tinha verdadeira possibilidade para disciplinar a atividade intelectual dos moços que quisesse guiar para a carreira científica, pois não podia propor assistentes; em poucas palavras, não podia fazer a escola científica que planejava.” (BASSI, 1961, p.7).

A ausência de pesquisas (pelo menos na área de Geometria) e formação de uma escola científica se deu muito mais por problemas estruturais e burocráticos da Universidade do Brasil do que uma possível falta de contratação de matemáticos competentes. A forma de se contratar professores italianos, por via do Ministério da Educação, nesse caso, não foi o motivo das ausências de pesquisas e de formação de pesquisadores nessa instituição.

Em 1942, o Brasil declarou guerra ao Eixo, durante a Segunda Guerra Mundial, e Bassi por razões pessoais não retornou à Itália, mas foi afastado do magistério da FNF, sendo readmitido somente um ano depois. Nesse interregno, segundo Wataghin (1992), Bassi deu um curso de “Topologia Combinatória” nos meses de julho e agosto de 1942 e, como nos explica Silva (2015), deu também aulas particulares. Sobre o curso de Topologia Algébrica, Dias (1984) afirma que nesse ano ele:

[...] veio temporariamente para São Paulo e deu um curso interessante. Tratava-se do primeiro curso sistemático sobre Topologia Algébrica, baseado essencialmente no livro clássico de Seifert e Threlfall. Lembro-me bem do sentimento profundo de desgosto, tanto dele como nosso, por aquela colaboração ser interrompida” (DIAS, 1984, p.68)

Depois da Segunda Guerra Mundial, Bassi teve oportunidade de voltar à Itália, mas recusou os convites mesmo após conseguir uma cátedra por meio de um concurso na Itália. **Mais** tarde, em 1958, se naturalizou brasileiro.

O ano de 1935 foi o de maior produção científica de Bassi. Em 1932, aparece no *Rendiconti del Circolo Matematico di Palermo*. Em 1935 foram cinco trabalhos publicados, sendo dois em *Memoria della Reale Accademia d'Italia*, um no *Giornale di Matematiche di Battaglini*, um no *Rendiconti del Real Istituto Lombardo di Scienze e Lettere* e um no *Bollettino dell'Unione Matematica Italiana*. Em 1936, ano que esteve nos EUA, publicou nos *Proceedings of the National Academy of Sciences*, além do *Rendiconti del Circolo Matematico di Palermo*. Em 1937, nos *Annali di Matematica Pura e Applicata*. Em 1938, na *Società Italiana per il Progresso delle Scienze*. Em 1945, no Rio de Janeiro, foi mimeografado o curso “Elementos de geometria projetiva das curvas algébricas.” Em 1948, mais um curso mimeografado, dessa vez em Belo Horizonte, “Lições de Geometria Projetiva”, além de publicar três artigos, sendo dois na *Academia Brasileira de Ciências* e um na *Accademia Nazionale dei Lincei*. No ano de 1949 uma publicação no *Annali di Matematica*. E dois artigos datados de 1951, um na *Revista Científica da F.N.F.* e um no *Jornal da Escola de Minas*.¹⁸

Bassi foi convidado a proferir conferências pelo Brasil nos anos da década de 1940. Em 1942, sobre “Da importância da Topologia na Matemática Moderna”, realizada no Instituto Ítalo-Brasileiro de Alta Cultura no Rio de Janeiro, e no mesmo ano sobre Topologia Combinatória na Universidade de São Paulo. Em 1945 um ciclo de conferências sobre a Matemática Moderna, em Minas Gerais, também em 1949, na cidade de

17 O catedrático interino de Geometria era Ernesto Luiz de Oliveira Júnior.

18 Informação obtida no curriculum vitae que se encontra no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro.

São Luís, no Maranhão, e outro ciclo, em 1949 na FNFi. De 1948 até 1952 ofereceu um conjunto de palestras sobre a Matemática Moderna, na Escola de Minas e Metalurgia de Ouro Preto, Minas Gerais.¹⁹

Atuou, ainda que pouco no curso de doutorado. Há uma relação dos alunos inscritos no curso de doutorado em matemática em 1944, 1945 e 1946. No primeiro ano teve seis estudantes inscritos, sendo quatro orientados pelo professor Abdelhay – Jessé de Souza Montello, David Feidman e Alvércio Moreira Gomes e Cléa R. de O. Xavier – e duas orientadas por Bassi: Maria Laura Mousinho e Moema Mariani. Já no ano seguinte, dentre os cinco alunos matriculados quatro eram alunas de Bassi – Maria Laura Mousinho, Moema Mariani, Esther Nunes Pereira e Cléa R. de O. Xavier – e apenas Alvércio Moreira Gomes era aluno de José Abdelhay. Vale ressaltar que essa última aluna havia mudado de professor de um ano para o seguinte. Já em 1946, Bassi não aparece orientando mais ninguém, o único inscrito em Matemática é Alvércio Moreira Gomes, tendo Abdelhay como seu professor nesse curso.²⁰

Em 1945, Bassi era um dos integrantes do recém-criado Núcleo Técnico Científico de Matemática da jovem instituição Fundação Getúlio Vargas (FGV), no Rio de Janeiro. E participou de seminários matemáticos realizados nessa instituição.²¹ Na FNFi, Bassi realizou, em 1946, um curso de extensão universitária (desde 1942 a FNFi vinha realizando esses cursos regularmente) cujo título era “geometria superior.”²² E em 1947, o curso extraordinário “Geometria.”²³ No segundo semestre de 1954, ministrou o curso extraordinário, “Crítica dos Princípios de Matemática.”²⁴

Uma explicação pela qual Bassi realizou cursos extraordinários, e não os ordinários após 1945, foi o fato de que os contratos efetivados com os professores estrangeiros, depois desse ano, deveriam ser feitos para cursos de especialização (aperfeiçoamento) e com prazos limitados, salvo para cadeiras que não tivessem professores catedráticos efetivos ou interinos (o que não era o caso para a cadeira de Geometria, ocupada interinamente desde 1939 pelo professor Ernesto Luiz de Oliveira Júnior, sendo efetivado em 1946). Segundo a lei nº 1.190 de 04 de abril de 1939, os cursos eram divididos em duas modalidades: cursos de aperfeiçoamento e cursos avulsos. O primeiro destinado à intensificação do estudo – de uma parte ou da totalidade – de uma ou mais disciplinas dos cursos ordinários (constituídos por um grupo de disciplinas, cujo estudo é necessário para a obtenção de um diploma). Bassi saiu da FNFi em 1947, mas como veremos a seguir ele retornou como contratado em 1950 ou 1952.²⁵

No ano de 1952, segundo Silva (2015), ele retornou como contratado, não mais para a cadeira de Geometria, mas para Análise Matemática e Superior: “No diário de 5 de janeiro de 1952 foi publicado a aprovação da admissão de Achille Bassi como contratado extranumerário para a FNFi, nessa contratação Bassi assumiu a função de professor de Topologia da Cadeira de Matemática e Análise Superior.” (SILVA, 2015, p.54) No entanto, Silva (2002) afirma que Nelo Alan foi aluno de Bassi na FNFi em 1950: “[...] Nelo Alan afirma que, mesmo tendo sido aluno de Achille Bassi em 1950, na disciplina de Geometria Projetiva.” (SILVA, 2002, p. 113). No mesmo artigo, Silva (2002) faz as seguintes perguntas: “se Bassi era muito competente, porque não conseguiu ter sucesso com o ensino da Geometria na FNFi? Por que não deixou discípulos? Quais os fatores que o impediram? A sua personalidade teve alguma influência nisso?” As respostas para as perguntas colocadas por Silva podem ser respondidas por meio do que escrevemos acima, já que a universidade engessava o trabalho dos professores, pelo menos no caso da matemática que estamos analisando.

Em relação aos professores que atuaram em 1950, no relatório das atividades realizadas nesse ano, assinado pelo chefe do departamento de Matemática, José da Rocha Lagôa, não há nenhuma menção ao professor Bassi. As professoras que exerceram atividades no referido ano letivo na cadeira de Geometria Analítica

19 Informação obtida no curriculum vitae que se encontra no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro.

20 Arquivos do PROEDES/UFRJ

21 Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro.

22 Documento do Ministério da Educação e Saúde (1947).

23 Na seção Noticiários da Faculdade da Revista da Faculdade Nacional de Filosofia, nº1, de 1949.

24 Boletim informativo da FNFi do segundo semestre de 1954.

25 Documento endereçado ao ministro Capanema, que se encontra no CPDOC/FGV, datado de 13 de setembro de 1945, assinado pelo diretor da FNFi.

e Projetiva foram Maria Laura de Moura Mousinho (livre-docente), Moema de Sá Carvalho (assistente) e Ana Amália Haensel Feijó (auxiliar de ensino). E na cadeira de Análise Matemática, os professores eram José Abdelhay (catedrático interino), Paulo de Mesquita Maia (auxiliar de ensino), Alvércio Moreira Gomes (professor assistente) e Carlos Alberto Aragão de Carvalho (professor contratado).²⁶

Bassi foi nomeado membro em diversas sociedades científicas. Na Itália: Círculo Matemático de Palermo (em Palermo), Unione Matematica Italiana (Bolonha) e Società per il Progresso delle Scienze (Roma). Nos EUA: American Mathematical Society (Nova Iorque) e Institute for Advanced Study (Princeton). E no Brasil: Sociedade Matemática de São Paulo (São Paulo) e membro Honoris causa da Academia Maranhense (São Luís do Maranhão). Além de receber o título de Comendador da Ordem da Estrela-Itália.²⁷ A importância dada a esse matemático italiano ficou registrada na homenagem recebida pelas duas ruas que recebem seu nome: Rua Achille Bassi no bairro Jardim Lutfalla, em São Carlos, e Rua Achille Bassi na Cidade Universitária em Campinas. Além da biblioteca do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da USP de São Carlos, chamada de “Biblioteca Prof. Achille Bassi.”

Portanto, com as informações que obtivemos, podemos traçar um pouco da vida pessoal de Bassi, além de sua trajetória acadêmica na FNF. Passaremos agora a entender um pouco sobre o outro matemático que veio na missão italiana para a UB, Gabriele Mammana.

Gabriele Mammana (1893-1942)

Na Faculdade Nacional de Filosofia, dois professores italianos exerceram influência sobre mim: Gabrielle Mammana, especialista em análise matemática, e Luigi Sobrero, físico-matemático.²⁸

Leopoldo Nachbin

Nachbin considerava Gabrielle Mammana como um bom professor e teve influência deste no estudo das equações diferenciais. Apesar de o matemático brasileiro ter sua formação na Escola Nacional de Engenharia (ENE) da então Universidade do Brasil, ele afirmara ter “a sorte de poder frequentar a antiga Faculdade Nacional de Filosofia” como ouvinte – nessa época não era permitido fazer dois cursos concomitantemente. Sobre as aulas de análise ministradas pelo italiano, diz:

Segui de início, entre outros, um curso de análise ministrado pelo matemático italiano Gabrielle Mammana, aliás um **excelente didata**. [...] Visto que Mammana já me considerava um aluno destacado, ele **sorriu com simpatia** e me **disse gentilmente** que me faria eleger membro da Accademia Nazionale dei Lincei, na Itália, caso a minha demonstração em causa estivesse correta. [...] sem que Mammana precisasse acrescentar mais nada além dessa **brincadeira amável**, percebi onde estava o erro de meu raciocínio precipitado [...] mais tarde, como docente, e **a exemplo de Mammana**, sempre fui condescendente com os meus alunos [...].” (NACHBIN, 1996, p.105, grifo nosso.)

Dessa forma, a influência de Mammana sobre Nachbin – mais tarde viria a ser um grande matemático reconhecido internacionalmente – não se deu apenas nas pesquisas e pelo gosto em trabalhar em equações diferenciais, mas também no exemplo a ser seguido na execução das aulas e na sua forma “condescendente” de trabalhar com os seus alunos.

26 Arquivos do PROEDES/UFRJ

27 Informação obtida no curriculum vitae que se encontra no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro. Dados até 1957, ano que foi produzido o currículo.

28 Entrevista concedida por Leopoldo Nachbin para a revista *Ciência Hoje*, publicada em 1991, (NACHBIN, 1996, p.20).

Para Jayme Tiomno, Gabrielle Mammana era um “fascista empedernido, mas um dos melhores matemáticos aqui [FNFi] [...] Sobrero foi quem entusiasmou os estudantes para pesquisa e, desde o início, animava seminários de estudo (isso entre 1940 e 41).” (TIOMNO, apud FÁVERO, 1992, p.262).

Mammana teve uma atuação destacada na FNFi despertando estudantes e docentes para a pesquisa matemática. Em 1941, Leopoldo Nachbin publicou um trabalho nos Anais da ABC, também influenciado por Mammana: “Sobre a permutabilidade entre as operações de passagem ao limite e de integração de equações diferenciais”, quando ainda era um jovem aluno da ENE da UB. E, no mesmo ano, Inácio Avezedo do Amaral publicou o artigo: “Sobre a integração de equações diferenciais ordinárias lineares e as equações integrais”, onde agradeceu aos matemáticos Mauro Picone, da Universidade de Roma, e Gabrielle Mammana, da Universidade de Nápoles, que estavam na FNFi, e que leram, estimularam e criticaram o trabalho. Ainda em 1941, no tomo XIII dos Anais da ABC, Mammana publicou: “*Sopra taluni teoremi di inversione*”, e na nota de rodapé, fez referência a uma demonstração de seu aluno Nachbin, que estaria naquela época se ocupando da mesma questão sob um aspecto mais geral. (SILVA, 2002, p.114).

Mammana influenciou também o matemático José Abdelhay²⁹ no seu primeiro artigo de 1942 nos Anais da ABC: “A existência de um teorema de oscilação para uma particular equação diferencial de terceira ordem: Autovalores”, além dos trabalhos: “Sobre uma particular equação das derivadas parciais”, de 1944 e “Sobre um problema de cálculo das variações”, de 1945. Abdelhay também citou Mammana no seu trabalho didático de 1943: “Introdução ao estudo da integral de Lebesgue das funções reais de variável real”, publicado na Revista Brasileira de Estatística. Em 1956, Abdelhay escreveu o livro “Matemática”, destinado aos candidatos às escolas superiores, nele diz usar uma demonstração de uma proposição que se encontra no livro de Mammana, “Lizioni di analisi algébrica”, publicado pelo Circolo Matematico di Catania, em 1937. Portanto, não só influenciou estudantes como Nachbin, mas também professores, como Abdelhay, assistente de Mammana e catedrático interino de Análise após a saída do italiano.

Mammana nasceu em 01 de março de 1893, faleceu no dia 15 de dezembro de 1942 e sobre sua formação acadêmica:³⁰

Ele se formou em Pisa, onde estudou na Scuola Normale. Depois de servir na guerra de 1915-1918, foi assistente de Picone na Universidade de Catania. Por volta de 1925, tornou-se professor na Academia Naval de Livorno e, pouco depois, após uma competição, na Universidade de Cagliari, de onde passou então para Catania e Nápoles. De 1939 a 42, ele esteve em “missão” no Brasil, lecionando na Universidade Federal do Rio de Janeiro [na época Universidade do Brasil]. Ele é o autor de numerosas obras analíticas, incluindo algumas, muitas vezes mencionadas, sobre a decomposição em fatores simbólicos de equações diferenciais lineares. Foi membro da Academia de Ciências de Nápoles.” (tradução nossa)

Gabriele Mammana chegou ao Rio de Janeiro a bordo do navio “Neptunia” no dia 17 de agosto de 1939, juntamente com os professores italianos Giulio Dolci, Benedetto Zumini e Camillo Porlezza, contratados também pela FNFi para lecionarem literatura italiana, mecânica racional e química, respectivamente.³¹ A vinda dos professores italianos para o Rio de Janeiro parece ter sido um evento de grande notoriedade na época, pois no dia 21 de agosto, quatro dias após a chegada dos professores na cidade, esses fizeram uma visita de apresentação no Gabinete do ministro da Educação Gustavo Capanema, na companhia do Conselheiro da Embaixada Italiana, sendo noticiado nos jornais Gazeta de Notícias, Jornal do Brasil, Diário de Notícias, Jornal do Commercio, Correio da Manhã e O Jornal. Todos eles foram cumprimentados pessoalmente pelo Dr. Jurandir Lodi do gabinete do Ministro da Educação.

29 Estudou na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo de 1935 até 1939, onde se formou em Matemática e foi professor na FNFi.

30 <http://mathematica.sns.it/autori/1071/> Acesso em 18/07/2019.

31 Jornal do Brasil, 17 de agosto de 1939.

É importante salientar que o chefe de governo aprovou a contratação – na categoria “technicos especializados” – desse matemático como professor da FNFi somente após o parecer favorável do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP).³² Diferentemente do que ocorrera na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP – os italianos contratados assumiram a cátedra para a qual foram contratados – na FNFi o catedrático de Análise Matemática e Análise Superior era Lélío Gama. No entanto, em março de 1940 Gama foi exonerado e Mammana assumiu a cátedra tendo Abdelhay como seu assistente.

No ano de sua chegada, em 08 de setembro, Mammana já estava participando da mesa que coordenou a conferência de Paulo Estevão Berredo Carneiro (1901-1982),³³ realizada pela ABC no salão nobre da ENE da UB. Participou também das sessões ordinárias da ABC, ocorridas no mesmo local nos dias 14 e 28 de novembro de 1939, 08 de outubro de 1940, 10 de junho e 08 de julho de 1941 e 21 de abril de 1942.

Mammana publicou um texto no *Jornal do Brasil* de 23 de junho de 1940 escrevendo sobre a nomeação do matemático, engenheiro e presidente da ABC Inácio Manuel Azevedo do Amaral (1883-1950) para a Real Academia de Nápoles. Nesse escrito, o professor italiano mostrou conhecimento dos trabalhos do matemático brasileiro, fazendo vários elogios às suas pesquisas. Além disso, o autor fez um sucinto relato sobre a história da Real Academia de Nápoles e assinou não como docente da FNFi, mas professor catedrático da Real Universidade de Nápoles.

Além das aulas dadas na FNFi e participação nas sessões da ABC, também realizou conferências, com entrada franca, nos dias 23 de agosto (sábado) e 17 de setembro (quarta-feira) de 1941 na Casa D'Itália cujo título era “A concepção do universo segundo a Escola Itálica e os paradoxos de Zenon” essas exposições foram patrocinadas pelo Instituto Ítalo-Brasileiro de Alta Cultura e a Sociedade Dante Alighieri. O professor havia demonstrado uma profunda cultura nos conceitos abordados e foi muito aplaudido por um numeroso e seletivo público. Novamente Mammana não foi apresentado como docente da FNFi, mas dessa vez como professor da “União Universitaria Italiana.”³⁴

Outro ponto a destacar é a existência do “Círculo de Matemática e Física”, que aparece nas chamadas para as Conferências de Mammana: “Amanhã, às 17 horas, no Círculo de Matemática e Física (E. N. de Engenharia) [...] Entrada franca.”³⁵ O matemático Azevedo do Amaral (presidente da ABC de 1931 a 1941) foi presidente desse *Círculo*.³⁶ Nessas conferências, novamente Mammana era apresentado como professor da Real Universidade de Nápoles e que estava em “comissão na Faculdade Nacional de Filosofia.” Devemos registrar também que essas conferências não abordavam assuntos de suas pesquisas em matemática, o título era “a concepção do universo segundo a Escola Itálica e o paradoxo de Zenão.”³⁷

Apesar de ter sido contratado para dar aulas na FNFi, no Rio de Janeiro, segundo Wataghin (1992), no segundo semestre de 1940 Mammana foi para São Paulo dar um curso sobre “Cálculo das variações” na USP.

Em relação às suas publicações, nos Anais da ABC encontramos uma de 1942 que se divide em três partes, cujo título é: “*Il minimo assoluto in taluni classici problemi de calcolo delle variazioni*”, sendo as duas primeiras partes publicadas no tomo XIV e a última parte no tomo XV. Há também o artigo de 1940 “*La variazione seconda generalizzata nel caso dei punti terminali mobili e problemi sugli autovalori connessi*”, publicado no *Annali di Matematica Pura ed Applicata*. Encontramos três publicações suas de livros didáticos de matemática. Do ano de 1929: “*Decomposizione delle espressioni differenziali lineari omogenee in fattori*”, de 1937: “*Lezioni di analisi infinitesimale*” e de 1939: “*Lezioni di analisi superiore i calcolo delle variazioni*.”

32 Publicada em 21 de maio de 1940 nos jornais Correio da Manhã, Diário de Notícias e Diário Carioca.

33 Docente de Química, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras. Foi também embaixador do Brasil junto à UNESCO de 1946 a 1958.

34 Noticiado em 27 de agosto de 1941 no jornal Gazeta de Notícias.

35 Não encontramos maiores informações sobre o que foi esse Círculo de Matemática e Física, ao que parece pode ter sido um grupo de professores de matemática e física que se reuniam para dar palestras e debaterem sobre os assuntos da área.

36 <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/inacio-manuel-azevedo-do-amaral>. Acesso em 05 de setembro de 2019.

37 Em 16 e 23 de setembro de 1941, Diário de Notícias.

A análise foi a área da matemática na qual Mammana contribui de 1930 a 1936:³⁸

As contribuições de Gabriele Mammana, encontradas em Catania entre 1930 e 1936, dizem respeito à análise e, em particular, às equações diferenciais lineares e às integrais de equações diferenciais ordinárias lineares e homogêneas de terceira ordem, cujo estudo deve ser considerado pioneiro.³⁹

Além dos trabalhos realizados por Mammana citados acima, cabe destacar o memorial realizado em colaboração com Ernesto de Souza Campos (1882-1970)⁴⁰ sobre o ensino secundário. Esse trabalho é citado em um documento escrito, em 11 de março de 1942, pelo último em nome da Comissão do Plano da Universidade do Brasil no qual emite um parecer sobre a “Lei Orgânica do Ensino Secundário.”⁴¹

No dia 02 de abril de 1942 o Tribunal de Contas teria “convertido em diligência o julgamento das anotações das prorrogações dos contratos firmados entre a União e Achille Bassi, [...], Gabriele Mammana [...] para a prestação de serviços de caráter técnico do Ministério da Educação.” E assim novos estudos sobre a contratação desses professores deveria ser feita devido ao decreto-lei nº 4.166 de 11 de março de 1942, após o Brasil ter sofrido ataques ao seu navio “Taubaté.”⁴²

Após essa revisão percebemos que de fato o contrato de Gabriele Mammana foi rescindido, o que é confirmado na reportagem do Jornal do Commercio no dia 07 de junho de 1942, na qual o ministro Capanema se dirige ao procurador do Tribunal informando da rescisão e salientando o cumprimento das obrigações dos professores italianos de “maneira correta” e “sem jamais terem tomado ou insinuado a mais ligeira atitude política.” O pedido para revisão da rescisão dos contratos dos professores italianos fora feito pelo Ministério da Educação com o intuito de “cumprir obrigações assumidas”, para que fosse pago os quatro primeiros meses do ano de 1942. O ministro Capanema enfatizou que alguns dos técnicos contratados não foram escolhidos pelo seu país de origem e eles eram contrários a à situação (nazismo e fascismo) na qual se encontrava sua pátria. Sendo esse o caso dos matemáticos aqui tratados.

Em 16 de maio de 1942 embarcou no navio Bage o professor Mammana com a mulher e o filho, junto com outros docentes italianos, viajando em uma classe separada dos demais cidadãos, por serem professores universitários. (SILVA LVS, 2015, p. 182). Além disso, sua exoneração da FNFi ocorreu em 31 de maio de 1942, mas seu assistente José Abdelhay o substituiu apenas em junho de 1943, ou seja, um ano depois. Nesse interregno, a cadeira de Análise Matemática e Análise Superior ficou sem um representante, o que precisa ser entendido de uma forma melhor.⁴³

Assim, entendemos um pouco sobre o trabalho desse matemático italiano que faleceu muito cedo, não chegando aos 50 anos de idade. Não temos informações sobre sua morte, que ocorreu no mesmo ano da sua saída da FNFi e do Brasil. Como ele voltou para a Itália, conjecturamos que perdeu sua vida na Guerra, pois como vimos já havia participado da Primeira Guerra Mundial de 1915 até 1918.

38 Do site CISUI - Centro Interuniversitario per la Storia delle Università Italiane http://www.cisui.unibo.it/annali/03/testi/10Tazzioli_frameset.htm, acessado em 28 de agosto de 2019.

39 “I contributi di Gabriele Mammana, che troviamo a Catania dal 1930 al 1936, riguardano l’analisi e, in particolare, le equazioni differenziali lineari e gli integrali delle equazioni differenziali ordinarie lineari e omogenee del terzo ordine, studio del quale è da considerarsi un pioniere”

40 Ernesto de Sousa Campos nasceu em Campinas (SP) descendente de uma família tradicional cujas origens remontam à época da colonização do território paulista, bacharelou-se no ano de 1906 em engenharia pela Escola Politécnica de São Paulo. Coursou mais tarde a Faculdade de Medicina de São Paulo, por onde se formou em 1919, especializando-se a seguir na Johns Hopkins Medical School, nos Estados Unidos. Regressando ao Brasil em 1923, tornou-se médico-assistente no Instituto Osvaldo Cruz, no Rio de Janeiro. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/ernesto-de-sousa-campos>, acessado em 03 de dezembro de 2019.

41 Arquivos de Gustavo Capanema no site do CPDOC/FGV.

42 Jornal A Manhã de 02 de abril de 1942.

43 Arquivos do PROEDES/UFRJ.

Conclusão

A missão italiana na FNFi/UB foi interrompida devido à Segunda Guerra Mundial, permanecendo pouco tempo, apenas de 1939 até 1942, o que dificulta uma análise mais pormenorizada. Porém podemos realizar algumas conjecturas, como por exemplo, a de que os matemáticos italianos, ao que tudo indica, não vieram somente para cumprir uma diplomacia entre os dois países, mas sim para que se cumprisse a “missão” de formar profissionais em matemática. É fato que os matemáticos italianos vindos para a FNFi eram reconhecidos como bons em suas respectivas áreas.

Foram várias as dificuldades encontradas por esses professores estrangeiros para o cumprimento da “missão” na qual eles foram incumbidos de realizar. Sobre alguns desses entraves podemos destacar a cadeira de Geometria que foi suprimida pelo DASP quando Bassi foi contratado e isso o impedia de pedir a contratação de assistentes. Outro problema foi o projeto da criação da biblioteca de matemática na FNFi que foi unanimemente aprovado pela Congregação, mas não foi implementado por não ter sido aceito “nas altas esferas administrativas da Nação.” Mesmo com essas dificuldades Bassi deu aulas, proferiu conferências, participou do Núcleo Técnico Científico de Matemática na FGV, além de realizar suas pesquisas e publicá-las.

As conferências patrocinadas pelo Instituto Ítalo-Brasileiro de Alta Cultura e a Sociedade Dante Alighieri nos mostram que a missão italiana não se restringiu ao interior da universidade (exposição foi realizada na Casa D’Itália) e nem mesmo a uma formação matemática *strictu sensu*, já que a exposição tinha como tema “A concepção do universo segundo a Escola Itálica e os paradoxos de Zenon.” Isso mostra o esforço do governo italiano em difundir sua cultura para o exterior. No tocante ao *Círculo de Matemática e Física* precisamos de mais informações ainda sobre o que e qual foi sua importância para a matemática.

Mammana influenciou Leopoldo Nachbin além de contribuir para a publicação do primeiro artigo desse jovem e promissor matemático brasileiro na ABC. Teve influência também sobre alguns trabalhos de José Abdelhay. O matemático italiano tinha uma grande formação matemática e cultura, pois participava das reuniões da ABC, além de ser bem avaliado pelos alunos e pelo público que assistiram às suas exposições. Além da participação juntamente com Ernesto de Sousa Campos na elaboração de um memorial sobre o ensino secundário e de oferecer um curso na USP no segundo semestre de 1940. Isso mostra uma grande participação no cenário matemático brasileiro.

Mammana participou das sessões da ABC, influenciou matemáticos brasileiros e deu conferências, mas não tentou criar biblioteca e nem deu aulas no curso de doutorado. Já Bassi, matemático no qual conseguimos mais informações por ter ficado mais tempo no Brasil, **tendo** conseguido até a cidadania brasileira, tentou criar a biblioteca na FNFi e deu aulas no curso de doutorado nessa instituição, mas não participou das sessões da ABC.

Logo, concluímos que a contratação dos matemáticos italianos Bassi e Mammana pelo governo brasileiro não foi de caráter puramente diplomático, mas teve sim um objetivo claro de formação de matemáticos por meio de contratos de professores qualificados. Eles eram matemáticos que tinham uma boa formação em suas respectivas áreas. Entendemos assim que a circulação das ideias e pessoas contribuiu para o processo, que ainda estava em gestação, da formação de uma escola matemática brasileira, de profissionalização e institucionalização da matemática, além de um espírito científico.

Fontes

ARQUIVO NACIONAL:

BR_RJANRIO VV.0.0.1958020383

BR_RJANRIO_S7_cx038_pt005

BASSI, Achille. *MEMORIAL: Referente à formação intelectual, à vida e à atividade profissional ou científica do candidato, Prof. ACHILLE BASSI*, 1961.

PROEDES – Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Referências bibliográficas

Boletim Informativo Faculdade Nacional de Filosofia, segundo semestre de 1954.

BRASIL, Ministério da Educação e Saúde, Organização da Faculdade Nacional de Filosofia. Serviço de Documentação. Folheto nº 3, 2ª edição. s/d.

CARVALHO, Raphael Alcaires de. *Ensino e pesquisa da matemática na Faculdade Nacional de Filosofia nas décadas de 1940 e 1950: os relatórios do Núcleo de Estudos e Pesquisas Científicas (NEPEC)*. In: 16º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia – SBHC, 2018, UFCG/UEPB, Campina Grande, PB.

D'AMBROSIO, Ubiratan. A influência italiana nas atividades científicas brasileiras. In: *DE BONI, Luís Antônio. A presença italiana no Brasil. Porto Alegre*, p. 508-521, 1987.

D'AMBROSIO, Ubiratan. História da Matemática no Brasil: uma visão panorâmica até 1950. *Saber y Tiempo*, v. 2, n. 8, p. 7-37, 1999.

DIAS, Cândido Silva. Cândido Silva Dias. *Revista Língua e Literatura*, p.60-74, 1984.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque (Coordenação): *Faculdade Nacional de Filosofia – Depoimentos*, PROEDES/UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; PEIXOTO, Maria do Carmo de Lacerda; SILVA, Ana Elisa Gerbasi da. Professores estrangeiros na Faculdade Nacional de Filosofia, RJ 1939-1951. *Cadernos de Pesquisa*, n. 78, p. 59-72, 1991.

HOFMEYR, Isabel. AHR conversation: on transnational history. *American Historical Review*, v. 111, n. 5, p. 1441-1464, 2006.

IRIYE, Akira; SAUNIER, Pierre (Ed.). *The Palgrave Dictionary of Transnational History: From the mid-19th century to the present day*. Springer, 2016.

KRIGE, John. Introduction: Writing the Transnational History of Science and Technology. In: KRIGE, John (Ed). *How knowledge moves: writing the transnational history of science and technology*. Chicago: The University of Chicago Press, 2019. p. 1-31.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. Faculdade Nacional de Filosofia (Universidade do Brasil). Arquivos, ano 1(2), pp 101-127, mar-abr 1947.

NACHBIN, Leopoldo. *Ciência e sociedade*. Curitiba: Editora UFPR, 1996.

REVISTA DA FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA. Universidade do Brasil, nº1, 1949.

SANTALÓ, Luis Antoni. Terracini, Alessandro, 1889–1968. *Revista de la Unión Matemática Argentina*, v. XXIII, n. 4, p. 149–151, 1968.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra; Rio de Janeiro: FGV, 2000.

SILVA, Aline Leme da; TÁBOAS, Plínio Zornoff. *Galileu Galilei: divulgação científica na obra de Achille Bassi*. In: 13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia – SBHC, 2012, USP, SP.

_____. *Análise crítico-histórica de “problemas educacionais brasileiros” de Achille Bassi*. In: XI Encontro Nacional de Educação Matemática – SBEM, 2013a, PUC, Curitiba, Paraná.

_____. *Método histórico de Achille Bassi nos elementos de geometria projetiva*. In: VII Congresso Iberoamericano de Educación Matemática – SEMU, 2013b, Montevideú, Uruguai.

_____. *A atuação de Achille Bassi como professor*. In: 14º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia – SBHC, 2014, UFMG, Belo Horizonte, MG.

SILVA, Aline Leme da. *A Contribuição de Achille Bassi para a matemática no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Ensino, História e Filosofia das Ciências e Matemática) – Universidade Federal do ABC. Santo André, p.196, 2015.

SILVA, Aline Leme da; ALVIM, Márcia Helena. Achille Bassi e os elementos contribuintes à institucionalização da matemática no ensino superior brasileiro. *Revista Brasileira de História da Matemática*, v. 18, n. 35, p. 55-72, 2018.

SILVA, Circe Mary Silva da. Formação de professores e pesquisadores de matemática na Faculdade Nacional de Filosofia. *Cadernos de Pesquisa*, n. 117, p. 103-126, 2002.

SILVA, Circe Mary Silva da. *Abandonando o amadorismo-formação de professores de matemática nas faculdades de filosofia no Brasil*. In: XI Encontro Nacional de Educação Matemática – SBEM, 2013, PUC, Curitiba, PR.

SILVA, Luciana Vieira Souza da. *A Missão Italiana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo: ciência, educação e fascismo (1934-1942)*. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

TURCHETTI, Simone; HERRAN, Néstor; BOUDIA, Soraya. Introduction: Have we ever been ‘transnational’? Towards a history of science across and beyond borders. *The British Journal for the History of Science*, v. 45, n. 3, p. 319-336, 2012.

WATAGHIN, Lucia. Fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo: a contribuição dos professores italianos. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, p. 151-173, 1992.